

MIRCEA CĂRTĂRESCU



nostalgia



cavalo de ferro

PRÓLOGO

*Abro o livro, o livro chora,
Procuro a hora, passou a hora.*

TUDOR ARGHEZI

O JOGADOR DE ROLETA

*Possa o Infante conceder a consolação de Israel
A quem tem oitenta anos e nenhum amanhã.*

Aponto aqui (para quê?) estes versos de Eliot. De qualquer modo, não como possível mote para algum livro meu, porque nunca mais vou escrever nada. E, mesmo que tenha escrito estas linhas, não as considero de todo literatura. Já escrevi literatura suficiente, durante uns sessenta anos não fiz outra coisa, mas permito-me agora, no fim dos fins, um momento de lucidez: tudo o que escrevi depois dos trinta anos não passa de uma impostura ridícula. Estou farto de escrever sem a esperança de um dia poder superar-me, poder saltar para lá da minha própria sombra. É certo que, até determinado ponto, fui honesto comigo mesmo, da única forma que um artista pode ser, ou seja, queria contar tudo sobre mim, absolutamente tudo. Mas tão mais amarga tem sido a ilusão, porque a literatura não é o meio apropriado para dizer algo minimamente real sobre mim próprio. Com as primeiras linhas inscritas na página, entra naquela mão que segura a caneta, como numa luva, uma mão estranha, que troça, e a sua imagem no espelho da página espalha-se por todo o lado como o mercúrio, de tal forma que as pequenas bolhas deformadas dão corpo à Aranha ou

ao Verme ou ao Fauno ou ao Unicórnio ou a Deus, quando, na realidade, o artista apenas queria falar de si próprio. A literatura é teratologia.

Há já uns bons anos que ando a dormir mal e sonho com um velho que enlouqueceu devido à sua solidão. Apenas o sonho me reflecte realisticamente. Acordo a chorar de solidão, mesmo que passe o dia na agradável companhia dos amigos que ainda estão vivos. Já não aguento a minha vida, e o facto de, hoje ou amanhã, entrar na morte infinita obriga-me a pensar. Por isso, por ter de pensar, como aquele que, atirado para o labirinto, tem de procurar uma saída entre as paredes cobertas de estrume, ou até pelo buraco das ratazanas, é só mesmo por isso que ainda escrevo estas linhas. Não propriamente para provar (a mim mesmo) que Deus existe. Infelizmente, e apesar de todos os meus esforços, nunca fui crente, nunca tive de me debater com a dúvida ou a negação da fé. Talvez até tivesse sido mais fácil se fosse crente, porque a escrita exige drama e o drama nasce do confronto agonizante entre esperança e desespero, em que a crença tem um papel essencial, imagino. Na minha juventude, metade dos escritores converteu-se e a outra metade perdeu a fé, o que, para a sua literatura, teve sensivelmente o mesmo efeito. Como os invejava pelo fogo que os seus demónios alimentavam sob os caldeirões onde se refastelavam enquanto artistas! E eis-me, agora, no meu esconderijo, uma bola de trapos e cartilagens, em cuja mente ou coração ninguém apostaria, porque já não tenho nada que me possam tirar.

Aqui jazo na minha poltrona, apavorado perante a ideia de que lá fora já nada existe além da noite, sólida como um bloco de alcatrão infinito, um nevoeiro negro que engoliu lentamente, à medida que avancei na idade, cidades, casas, ruas, rostos. O único Sol que sobrou no Universo parece ser a lâmpada do candeeiro de mesa, e a única coisa por ele iluminada — um rosto de velho, enrugado como um figo seco.

Quando morrer, a minha cripta, o meu covil, vai continuar a flutuar nesse nevoeiro negro e sólido, levando estas folhas para nenhures, para que ninguém as leia. Mas nelas está, finalmente, tudo. Escrevi milhares de páginas de literatura – pó e cinza. Intrigas construídas de forma magistral, fantoches com sorrisos galvanizados, mas como dizer alguma coisa, por pouco que seja, nesta imensa convenção que é a arte? Gostaria de virar o coração do leitor do avesso, mas o que é que ele faz? Às três horas termina o meu livro e às quatro começa outro, por muito bom que seja o livro que lhe pus nas mãos. Mas estas dez ou quinze páginas são outra coisa, um jogo diferente. O meu leitor é agora nem mais nem menos do que a morte. Até já lhe vejo os olhos negros, húmidos, atentos como os olhos das raparigas, a lerem à medida que preencho linha após linha. Estas folhas contêm o meu projecto de imortalidade.

Digo – projecto, embora tudo, e esse é o meu triunfo e a minha esperança, seja verdadeiro. Que estranho: a maior parte das personagens que povoam os meus livros são inventadas, mas aos olhos de todos parecem cópias da realidade. Apenas agora ganhei a coragem para escrever sobre um homem real, que viveu muito tempo perto de mim, mas que, de acordo com as minhas convicções, teria parecido totalmente inverosímil. Nenhum leitor poderia aceitar que no seu mundo vivesse, acotovelando-se nos mesmos eléctricos, a respirar o mesmo ar, um homem cuja vida é uma demonstração praticamente matemática de uma ordem na qual já ninguém acredita, ou acredita porque é um absurdo. Mas que horror! – o Jogador de Roleta não é um sonho, nem a alucinação de um cérebro esclerótico, nem um álibi. Agora, pensando nele, tenho a certeza de que eu também conheci aquele pedinte no fim da ponte, de quem Rilke falava, à volta do qual giram todos os mundos.

No entanto, e apesar de não ser uma pessoa que eu estime, o Jogador de Roleta existiu mesmo. E a roleta também existiu. Nunca ouviu falar nela, mas diga-me, o que sabe sobre Agarthá? Vivi os tempos inverosímeis da roleta, assisti ao desabar de fortunas e à acumulação de fortunas à luz feroz da pólvora. Também gritei naquelas salas de tecto baixo, clandestinas, e chorei de felicidade quando retiravam alguém com o cérebro despedaçado. Conheci os grandes magnatas da roleta, empresários da indústria, proprietários de terras, banqueiros que apostavam aqueles montantes amiúde imódicos. Durante mais de dez anos a roleta foi o pão e o circo do nosso sereno inferno. Não houve nenhum rumor sobre isso nos últimos quarenta anos? Pense um pouco, quantos milhares de anos passaram desde os mistérios gregos? Sabe alguém hoje o que se passava realmente naquelas cavernas? Quando se trata de sangue, o silêncio impera. Ficaram todos caladinhos, ou se calhar quem sabia deixou após a sua morte umas folhas inúteis como estas, que apenas a morte vai acompanhar com o seu dedo esquelético. A morte individual de cada um, o gémeo negro que nasceu com ele.

O homem sobre quem aqui escrevo tinha um nome qualquer, que toda a gente esqueceu, porque desde muito cedo lhe chamaram «O Jogador de Roleta». Quem dizia «O Jogador de Roleta» só podia estar a referir-se a ele, embora houvesse bastantes jogadores de roleta. Recordo-me dele sem dificuldade, uma figura sombria, um rosto triangular no topo de um pescoço alongado, pálido e magro, com a pele seca e o cabelo quase ruivo. Olhos de carneiro mal morto, assimétricos, que me pareciam desiguais no tamanho. Deixava uma certa impressão de desleixo, de sujidade. Tinha sempre o mesmo aspecto quer na sua roupa de trabalho da quinta quer nos *smokings* que usaria mais tarde. Meu Deus, é tão grande a tentação de fazer um pouco de hagiografia sobre ele, de lhe apontar uma luz transfinita ao rosto e lhe atear uma centelha nos olhos!

ÍNDICE

PRÓLOGO

O Jogador de Roleta	9
---------------------------	---

NOSTALGIA

O Mendébil.....	39
Os Gémeos	83
<i>REM</i>	211

EPÍLOGO

O Arquitecto	373
--------------------	-----

Numa Bucareste labiríntica e subterrânea, ainda sob a trágica experiência da ditadura, um homem desafia até ao inverosímil o destino e a lei das probabilidades no jogo da roleta-russa a ponto de ultrapassar a linha ténue que separa a vida da morte; nesse mesmo ambiente onírico e concreto, um messias pré-adolescente perde todos os seus poderes e acólitos com o despertar da sua sexualidade; e, numa noite de paixão, uma mulher de meia-idade revisita o seu passado revelando ao seu jovem amante a existência de uma estranha entidade total, uma máquina infinita que regula os sonhos individuais e colectivos de todos os seres, transformando o mundo numa ficção — estas são algumas das cinco histórias que compõem o singular primeiro romance de Cărtărescu.

Cartografia da memória, da infância e dos seus ritos de passagem, da descoberta do amor e das pulsões do desejo, parábola política em que a realidade e o poder criador dos sonhos se fundem, *Nostalgia* consagrou Mircea Cărtărescu como a voz mais importante da literatura romena contemporânea, representando, segundo a crítica, «uma verdadeira revolução literária».

«Leiam este livro, a seguir leiam-no outra vez.»

San Francisco Chronicle

«Cativante, apaixonado, inesperado.»

Los Angeles Times



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-652-9



9

789895 836529